

EVOLUÇÃO



6 Anos.

A mesma essência.



Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco / Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/2675-2573.rpe.63>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac dos Santos Pereira
José Wilton dos Santos
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial (Angola):

Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Edson da Conceição Graça (Angola)
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto (Angola)
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco (Angola)
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Prof. Me. Tavares dos Santos Muhongo (Angola)
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Wilder Dala Quinjango (Angola)

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adefilson Batista Lins
Profa. Bianca de Assis Pirahy
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 7, n. 63 (fev. 2026). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2026. 208 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.63

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2026

Publicada no Brasil por:

Livro Alternativo
www.livroalternativo.com.br
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antonio R P Medrado

Isac Chateauneuf

07 ESPECIAL

12 POIESIS

J. Wilton

ARTIGOS

1. A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Adriana Pereira Santos da Silva 19
2. GARATUJAS E A CONSTRUÇÃO DO DESENHO INFANTIL COMO LINGUAGEM
Adriana Silva de Santana Barros 26
3. MATERIAIS DE LARGO ALCANCE: DO CESTO DE TESOUROS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL
Amanda Zuza dos Anjos 31
4. DAS PÁGINAS AUSENTES AOS FUTUROS POSSÍVEIS: LITERATURA NEGRA, ACERVOS ESCOLARES E A EMERGÊNCIA AFROFUTURISTA COMO PROJETO DE MUNDO
Bianca de Assis Pirahy 41
5. A UNIÃO: O CONCEITO MATEMÁTICO COMO FUNDAMENTO FILOSÓFICO PARA A AGREGAÇÃO SOCIAL HARMÔNICA NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO
Calunda dos Santos Jorge / Júnior Zacarias Miguel Paca 45
6. PERFIL DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DO CURSO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - ICISA NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2024
Capuma Ernesto Eduardo / Wilson Valdemar Gomes Anilba 50
7. AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: REGGIO EMILIA EM FOCO
Cícera da Silva Ramos 55
8. O BRINCAR COMO EIXO ESTRUTURANTE DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Cláudia Reolo da Silva Ferreira 62
9. LETRAMENTO MATEMÁTICO: DESENVOLVENDO A COMPREENSÃO E A APLICAÇÃO COTIDIANA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Denise Teixeira Santos Menezes 68
10. CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO CIENTÍFICO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR ANGOLANO. UM ESTUDO REALIZADO NA COMUNIDADE ACADÊMICA DO ISIA E DO IDERO – 2025/2026
Edson da Conceição Graça 76
11. DA GARATUJA À ESCRITA: RELAÇÕES ENTRE DESENHO, LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO INICIAL
Elizabeth Aparecida Feitosa Lima 83
12. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E TEA
Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro 89
13. A IMPORTÂNCIA DA ROTINA ESCOLAR PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
Joice de Andrade Silva 97
14. LIMITAÇÕES DA NOVA GESTÃO PÚBLICA NA REFORMA DO SETOR PÚBLICO ANGOLANO: EVIDÊNCIAS DO SIAC CACUACO
José Manuel dos Santos 103
15. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Leandro de Almeida Oliveira 108
16. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL NO BERÇÁRIO I: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
Lilian Silvana Minho Zanetta 115
17. PSICOPEDAGOGIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO ENTRE TEORIA E PRÁTICA
Luciane de Jesus Mineiro de Lima 121
18. IMPACTO DA MOTIVAÇÃO NO DESEMPENHO ORGANIZACIONAL. ESTUDO REALIZADO NO INSTITUTO POLITÉCNICO NO 131-LUBANGO
Lucoque Bernardo 128
19. PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO EM ANGOLA: O CASO DOS RECLUSOS ATENDIDOS NO HOSPITAL PENITENCIÁRIO PSIQUIÁTRICO
Manuel Paulo Chamorro 135
20. ENTRE AUTONOMIA E NORMATIZAÇÃO: METODOLOGIA ELOS – CONSTRUINDO COLETIVOS
Marcelo Cunha 144
21. A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Marli Aparecida Rosa 161
22. EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA
Maria de Lourdes Ferreira da Silva 167
23. A INCLUSÃO DO ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN
Orlaneide Ferreira Santos Diamante 173
24. A EDUCAÇÃO PSICOMOTORA COMO BASE DAS APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Paula Dulcídio Rosseto 179
25. O PANINHO DE APEGO COMO PRIMEIRO BRINQUEDO: REFLEXÕES A PARTIR DA PEDAGOGIA MONTESSORI
Renata da Costa Braz 186
26. MOVIMENTO E INFÂNCIA: A IMPORTÂNCIA DA MOTRICIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR
Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira 193
27. TEORIA DE ACEITAÇÃO DA AUTORIDADE NAS ORGANIZAÇÕES ANGOLANA
Ucaca Venâncio António 200



DA GARATUJA À ESCRITA: RELAÇÕES ENTRE DESENHO, LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO INICIAL

Elizabeth Aparecida Feitosa Lima¹

RESUMO: Este artigo analisa a relação entre desenho e escrita no processo de desenvolvimento infantil, compreendendo a garatuja como base fundamental para a construção da linguagem escrita. Parte-se do pressuposto de que o desenho antecede a escrita e constitui um sistema de representação essencial na alfabetização inicial. A pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica, fundamentada em autores como Pillar, Silva e Greig, que discutem o grafismo infantil, a intencionalidade do traço e a constituição da linguagem escrita. A metodologia consiste na análise interpretativa de produções teóricas que tratam do desenho e da escrita como linguagens interligadas. Os resultados indicam que as experiências gráficas vivenciadas na Educação Infantil influenciam diretamente a compreensão da escrita, favorecendo a organização do pensamento, a coordenação motora e a atribuição de sentido aos signos. Conclui-se que práticas pedagógicas que valorizam o desenho contribuem significativamente para processos de alfabetização mais respeitosos, significativos e alinhados às especificidades da infância.

Palavras-chave: Alfabetização Inicial. Desenho Infantil. Escrita. Garatuja. Linguagem.

INTRODUÇÃO

A alfabetização infantil tem sido, historicamente, reduzida ao momento formal de aprendizagem do sistema alfabético, frequentemente desvinculada das experiências gráficas que antecedem a escrita convencional. Tal perspectiva, ainda presente em práticas escolares contemporâneas, sustenta uma concepção tecnicista da alfabetização, centrada na decodificação e no domínio do código, em detrimento dos processos simbólicos que estruturam a linguagem escrita. Defende-se, neste estudo, que essa fragmentação empobrece a compreensão do desenvolvimento infantil e desconsidera percursos fundamentais da construção do pensamento.

A escrita não emerge de forma abrupta na

vida da criança; ela é precedida por experiências corporais, gráficas e simbólicas que se iniciam muito antes da escolarização formal. Nesse percurso, o desenho — e, de modo especial, a garatuja — constitui-se como linguagem inaugural. Ao traçar linhas, experimentar gestos e produzir marcas, a criança não apenas exercita movimentos motores, mas constrói relações entre ação, representação e significado. Sustenta-se, portanto, que a garatuja não é etapa preparatória da escrita, mas campo originário de experimentação simbólica.

Ao longo da infância, o desenho opera como espaço de elaboração do pensamento, organização narrativa e expressão subjetiva. Quando a criança desenha e verbaliza suas produções, articula gesto, fala e representação, aproximando-se

¹ Graduada em Pedagogia. Pós graduada em Neuropsicopedagogia e Psicopedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e Professora de Educação Infantil, PEI na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

progressivamente das estruturas que sustentam a escrita. Essa continuidade revela que desenho e escrita não constituem linguagens isoladas, mas sistemas interdependentes no processo de construção do conhecimento.

A partir das contribuições de autores que investigam o grafismo infantil e a constituição da linguagem escrita, argumenta-se que a alfabetização deve ser compreendida como processo ampliado, que integra experiências gráficas, simbólicas e linguísticas. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar as relações entre desenho e escrita no desenvolvimento infantil, afirmando a garatuja como base estruturante da alfabetização inicial e defendendo práticas pedagógicas que reconheçam o desenho como linguagem legítima e constitutiva do aprender.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica, voltada à análise das relações entre desenho infantil, linguagem e escrita no contexto da Educação Infantil e da alfabetização inicial. A opção por essa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender os significados atribuídos às produções gráficas infantis e suas implicações no processo de aprendizagem da escrita.

O levantamento teórico fundamentou-se em obras clássicas e contemporâneas que discutem o desenho como linguagem, o desenvolvimento do grafismo infantil e os processos de alfabetização. Destacam-se, nesse percurso, os estudos de Pillar, Silva e Greig, cujas contribuições são amplamente reconhecidas no campo da educação e da arte.

Os critérios para seleção das referências incluíram a relevância acadêmica, a consistência teórica e a recorrência das obras em pesquisas sobre infância, linguagem, desenho e escrita. Buscou-se contemplar diferentes perspectivas que dialogam entre si, ampliando a compreensão sobre o papel do desenho na constituição da linguagem escrita.

A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, por meio da leitura crítica dos textos selecionados, identificando convergências

conceituais relacionadas à função simbólica do desenho, à intencionalidade do traço e à construção da escrita infantil. Os conteúdos foram organizados em eixos temáticos que estruturam os capítulos de desenvolvimento.

Essa abordagem metodológica permitiu compreender o desenho e a escrita como linguagens interdependentes, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, expressivo e linguístico da criança, superando visões fragmentadas do processo de alfabetização.

A GARATUJA COMO BASE DA ESCRITA INFANTIL

A garatuja representa o primeiro contato da criança com a linguagem gráfica e constitui uma experiência essencial para a construção da escrita. Longe de ser um gesto desordenado ou meramente exploratório, a garatuja configura-se como ato inaugural de significação, no qual a criança descobre que pode deixar marcas e atribuir-lhes sentido.

Nesse estágio inicial, a criança explora o gesto, o movimento e a materialidade do traço, descobrindo que sua ação deixa registros permanentes no papel. Essa descoberta não se restringe ao plano motor; trata-se de uma experiência simbólica fundamental, pois inaugura a compreensão de que o gesto pode representar algo além de si mesmo.

Ao traçar linhas em diferentes direções, utilizando o lápis como extensão do próprio corpo, a criança experimenta relações entre ação, espaço e resultado gráfico. Sustenta-se, portanto, que esse movimento não pode ser reduzido a treino motor preparatório, já que envolve processos de organização do pensamento e construção de intencionalidade — dimensões que estarão na base da escrita alfabética.

As explorações gráficas próprias da garatuja contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora fina, da percepção espacial e do controle do traço. Contudo, sua relevância ultrapassa o domínio técnico: ao experimentar limites, direções e continuidades, a criança constrói esquemas simbólicos que estruturam sua futura relação com o sistema de escrita.

Além disso, a garatuja possibilita à criança experimentar a organização do espaço gráfico, compreendendo noções como limite, direção, continuidade e ocupação do papel. Essas experiências não apenas antecedem a escrita convencional, mas constituem seu alicerce, pois ensinam à criança que o espaço gráfico é lugar de registro e comunicação.

Desse modo, compreender a garatuja como atividade destituída de valor pedagógico revela uma concepção restrita de alfabetização, centrada exclusivamente no código formal. Defende-se, ao contrário, que a garatuja é etapa fundante da escrita infantil, na qual se articulam gesto, intenção e significado, configurando um campo essencial de experimentação simbólica que sustenta o processo alfabetizador.

DESENHO E ESCRITA COMO SISTEMAS DE REPRESENTAÇÃO

O desenho e a escrita constituem sistemas de representação distintos, porém profundamente interligados, que permitem à criança expressar pensamentos, ideias e sentimentos. Ambos são formas simbólicas de comunicação que se desenvolvem de maneira progressiva e articulada.

Pillar (1996) afirma que a criança não nasce sabendo desenhar ou escrever, mas constrói esses conhecimentos a partir da interpretação do mundo e das experiências gráficas que vivencia. O desenho, nesse sentido, antecede a escrita e contribui para a compreensão da função representativa dos signos.

Ao desenhar, a criança atribui significados aos traços, estabelecendo relações entre o que representa e o que deseja comunicar. Esse processo é semelhante ao da escrita, na qual os signos gráficos representam ideias, palavras e sons, exigindo atribuição de sentido.

Ferrari (2010) aponta que, após explorar os rabiscos, a criança começa a diferenciar desenho e escrita, compreendendo que ambos utilizam linhas, mas possuem finalidades distintas. Essa diferenciação é fundamental para a construção das hipóteses sobre o sistema de escrita.

Assim, desenho e escrita constituem linguagens complementares no desenvolvimento

infantil, atuando de forma integrada na construção da representação simbólica e da compreensão da linguagem escrita.

A RELAÇÃO ENTRE DESENHO, FALA E ESCRITA

A linguagem verbal exerce papel central na organização do desenho e da escrita infantil. Enquanto desenha, a criança fala, nomeia, explica e narra suas produções, articulando pensamento, linguagem e ação gráfica.

Silva (2002) afirma que o enunciado verbal pode orientar o gesto gráfico, assim como o desenho pode organizar a fala, estabelecendo uma relação dialógica entre as linguagens. Essa interação favorece a construção de sentidos e o desenvolvimento da consciência linguística.

Ao verbalizar o que desenha, a criança planeja suas ações, antecipa significados e organiza mentalmente a representação. Esse processo é semelhante ao planejamento da escrita, no qual o sujeito precisa organizar ideias antes de registrá-las graficamente.

Além disso, a articulação entre desenho, fala e escrita contribui para o desenvolvimento da função simbólica, permitindo que a criança compreenda que diferentes linguagens podem representar uma mesma ideia.

Dessa forma, desenho, fala e escrita constituem um sistema integrado de linguagem na infância, no qual cada modalidade contribui para o desenvolvimento das demais.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA A ALFABETIZAÇÃO INICIAL

Reconhecer o desenho como base da escrita implica repensar concepções e práticas pedagógicas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tal reconhecimento exige superar abordagens que privilegiam exclusivamente a escrita formal em detrimento das experiências gráficas.

Práticas pedagógicas que desconsideram o desenho tendem a interromper processos importantes de construção simbólica e linguística, comprometendo a compreensão da escrita como linguagem significativa.

Greig (2008) destaca a importância de oferecer espaços, tempos e materiais adequados para que a criança explore o desenho livremente, experimentando diferentes possibilidades gráficas e expressivas.

A mediação do educador deve favorecer a autoria e a intencionalidade da criança, evitando correções excessivas, modelos prontos ou intervenções que limitem a expressão. O foco deve estar no processo, e não apenas no produto final.

Assim, o desenho torna-se aliado fundamental em práticas de alfabetização mais respeitadas, significativas e alinhadas às especificidades da infância.

O DESENHO NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SIMBÓLICO DA CRIANÇA

O desenho infantil constitui-se como uma atividade cognitiva complexa, na qual a criança articula percepção, memória, imaginação e simbolização. Ao produzir imagens gráficas, a criança não apenas representa objetos ou situações, mas organiza mentalmente experiências vividas, reinterpretando o mundo a partir de seus referenciais culturais e afetivos. Dessa forma, o desenho opera como mediador entre o pensamento concreto e o pensamento simbólico.

No processo de desenhar, a criança realiza escolhas, estabelece relações espaciais e temporais e constrói narrativas visuais. Essas ações demandam operações cognitivas como comparação, classificação e antecipação, fundamentais para o desenvolvimento intelectual. Assim, o desenho contribui para a ampliação das funções psicológicas superiores, favorecendo a passagem de formas elementares de pensamento para formas mais elaboradas de representação.

Sob a perspectiva simbólica, o desenho permite à criança atribuir significados aos traços, transformando marcas gráficas em signos carregados de sentido. Esse processo aproxima-se da lógica da escrita, na medida em que ambos se baseiam na convenção simbólica e na capacidade de representar algo ausente por meio de signos visuais. Dessa forma, o desenho atua como campo privilegiado de experimentação simbólica anterior à

escrita alfabética.

Além disso, o desenvolvimento simbólico promovido pelo desenho está diretamente relacionado à constituição da subjetividade infantil. Ao desenhar, a criança expressa emoções, desejos e interpretações pessoais da realidade, construindo uma identidade gráfica própria. Esse aspecto reforça o caráter autoral do desenho e sua importância para a formação integral da criança.

Portanto, compreender o desenho como atividade cognitiva e simbólica amplia sua relevância no contexto educativo, afastando concepções reducionistas que o limitam a mero passatempo. Ao contrário, o desenho configura-se como linguagem estruturante do pensamento infantil, essencial para a construção da escrita e de outras formas de expressão.

A FORMAÇÃO DO EDUCADOR E A VALORIZAÇÃO DO DESENHO NO CONTEXTO ESCOLAR

A valorização do desenho no processo de alfabetização inicial está diretamente relacionada à formação teórica e pedagógica do educador. Muitos desafios enfrentados na prática escolar decorrem de concepções restritas de alfabetização, centradas exclusivamente na aquisição do código escrito, em detrimento das múltiplas linguagens que compõem o desenvolvimento infantil.

Uma formação docente consistente deve contemplar o entendimento do desenho como linguagem legítima e estruturante, reconhecendo suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo, motor e linguístico da criança. Quando o educador compreende o percurso gráfico infantil, passa a interpretar os desenhos como produções significativas, e não como atividades secundárias ou meramente decorativas.

Nesse sentido, a mediação pedagógica assume papel fundamental. O educador não deve conduzir o desenho a modelos pré-estabelecidos ou a padrões estéticos adultos, mas criar condições para que a criança explore livremente materiais, superfícies e gestos gráficos. A escuta atenta às narrativas que acompanham os desenhos torna-se elemento essencial para compreender os sentidos atribuídos pela criança às suas produções.

Além disso, práticas pedagógicas que integram desenho, oralidade e escrita favorecem processos de alfabetização mais significativos. Ao articular essas linguagens, o educador possibilita que a criança perceba continuidades entre suas produções gráficas espontâneas e a escrita convencional, fortalecendo a compreensão do sistema de representação escrita.

Dessa forma, investir na formação do educador para o trabalho com o desenho implica reconhecer a infância em sua complexidade e singularidade. A valorização do desenho no contexto escolar contribui para práticas alfabetizadoras mais inclusivas, respeitadas e alinhadas às necessidades e potencialidades das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções teóricas examinadas evidencia convergência significativa quanto ao papel estruturante do desenho no desenvolvimento da escrita. Observa-se que diferentes autores, embora situados em campos específicos — arte, psicologia da educação e alfabetização —, reconhecem o grafismo infantil como expressão simbólica dotada de intencionalidade e sentido.

Os resultados indicam que a garatuja, frequentemente interpretada como manifestação aleatória, constitui momento decisivo na organização do gesto gráfico e na construção da relação entre ação e representação. Ao experimentar o traço, a criança descobre regularidades, limites espaciais, direcionalidade e permanência da marca, elementos que posteriormente serão mobilizados na escrita alfabética. Assim, a coordenação motora fina desenvolvida nesse estágio não pode ser dissociada da dimensão simbólica que acompanha o ato de desenhar.

Além dos aspectos motores, destaca-se o papel cognitivo do desenho na estruturação do pensamento. Ao representar situações, personagens e narrativas, a criança organiza mentalmente experiências, seleciona elementos significativos e estabelece relações espaciais e temporais. Esse movimento de organização simbólica aproxima-se do planejamento da escrita, no qual ideias precisam ser estruturadas antes de serem registradas

graficamente. Desse modo, os dados analisados reforçam a compreensão de que a alfabetização não se inicia com a apresentação das letras, mas com a capacidade de representar e atribuir sentido.

Outro aspecto recorrente nas obras examinadas refere-se à articulação entre desenho, fala e escrita. A verbalização que acompanha o desenho revela que a criança constrói narrativas enquanto produz marcas gráficas, estabelecendo uma interação dinâmica entre linguagem oral e linguagem visual. Essa relação dialógica favorece o desenvolvimento da consciência linguística e amplia a compreensão da função representativa dos signos. Assim, a escrita emerge como continuidade de um processo simbólico já em curso, e não como ruptura.

Entretanto, a discussão também aponta tensões presentes no contexto escolar. A persistência de práticas que antecipam a formalização da escrita e reduzem o tempo destinado ao desenho revela uma compreensão restrita de alfabetização. Ao priorizar exercícios repetitivos e modelos padronizados, a escola corre o risco de interromper processos fundamentais de experimentação simbólica. Nesse sentido, argumenta-se que desvalorizar o desenho implica fragilizar a base sobre a qual a escrita se sustenta.

Os resultados permitem afirmar que o desenho constitui campo privilegiado de construção da autoria infantil. Ao produzir traços próprios, a criança desenvolve identidade gráfica e experimenta autonomia expressiva. Essa dimensão autoral é central para uma alfabetização que não se limite ao domínio técnico, mas que reconheça a escrita como prática cultural e subjetiva.

Dessa forma, a discussão evidencia que integrar o desenho às práticas alfabetizadoras não significa utilizá-lo como recurso auxiliar ou atividade complementar, mas reconhecê-lo como linguagem estruturante do processo de aprendizagem. A alfabetização inicial, quando compreendida como continuidade do gesto gráfico e da simbolização infantil, torna-se mais coerente com o desenvolvimento da criança e mais comprometida com a construção de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permite afirmar, com consistência teórica, que a escrita não inaugura a linguagem gráfica da criança, mas constitui desdobramento de um percurso simbólico que tem na garatuja seu ponto de origem. Ao reconhecer o desenho como linguagem estruturante do pensamento infantil, amplia-se a compreensão da alfabetização para além da aprendizagem mecânica do código alfabético.

Sustenta-se, portanto, que reduzir a alfabetização ao domínio técnico das letras significa desconsiderar processos fundamentais de construção simbólica, autoria e organização do pensamento. A escrita alfabética não surge como ruptura, mas como continuidade de experiências gráficas, corporais e narrativas que a criança vivencia desde muito cedo. Nesse sentido, a garatuja não é etapa preliminar a ser superada, mas campo inaugural de experimentação sógnica, no qual gesto e significado se articulam.

Os referenciais analisados convergem ao indicar que o desenho favorece o desenvolvimento cognitivo, motor e linguístico, mas este estudo avança ao defender que sua relevância não é apenas instrumental. O desenho não prepara para a escrita — ele já é linguagem. Ao desenhar, a criança organiza narrativas, constrói representações e afirma sua subjetividade, exercitando capacidades que sustentam a produção escrita futura.

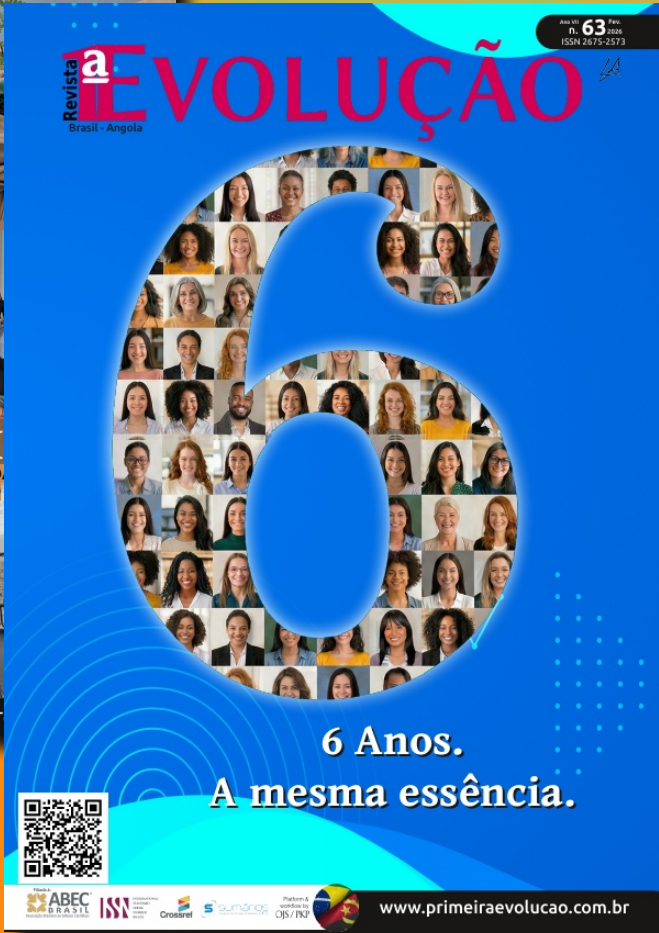
A persistência de práticas pedagógicas que antecipam a formalização da escrita e secundarizam o desenho revela uma concepção restrita de alfabetização, ainda marcada por perspectivas conteudistas e padronizadoras. Tal abordagem tende a interromper processos essenciais de simbolização e a limitar a expressão autoral infantil. Defender o desenho como base da alfabetização implica, portanto, assumir posicionamento pedagógico que reconhece a infância em sua complexidade e singularidade.

Conclui-se que uma alfabetização comprometida com a formação integral da criança precisa integrar desenho, oralidade e escrita como dimensões indissociáveis da linguagem. Valorizar o

grafismo infantil significa reconhecer que aprender a escrever não é apenas aprender letras, mas aprender a significar o mundo. Ao assumir essa perspectiva, a escola desloca-se de uma lógica de treinamento técnico para uma proposta formativa que respeita o tempo, a autoria e os processos simbólicos da infância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GREIG, P. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- PILLAR, A. D. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SILVA, S. M. C. **A constituição social do desenho da criança**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.63>



COORDENAÇÃO:

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco

Profa. Esp. Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva

Adriana Silva de Santana Barros

Amanda Zuza dos Anjos

Bianca de Assis Pirahy

Calunda dos S. Jorge / Júnior Zacarias M.Paca

Capuma E. Eduardo / Wilson V. Gomes Anilba

Cícera da Silva Ramos

Cláudia Reolo da Silva Ferreira

Denise Teixeira Santos Menezes

Edson da Conceição Graça

Elizabeth Aparecida Feitosa Lima

Flávia de Fatima Seraphim Ribeiro

Joice de Andrade Silva

José Manuel dos Santos

Leandro de Almeida Oliveira

Lilian Silvana Minho Zanetta

Luciane de Jesus Mineiro de Lima

Lucoque Bernardo

Manuel Paulo Chamorro

Marcelo Cunha

Marli Aparecida Rosa

Maria de Lourdes Ferreira da Silva

Orlaneide Ferreira Santos Diamante

Paula Dulcídio Rosseto

Renata da Costa Braz

Simone Gomes de Macêdo Miranda Ferreira

Ucaca Venâncio Antônio

Indexadores:



Filiada à:



Parceiros:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

